FACULDADES INTEGRADAS DE CIÊNCIAS HUMANAS, SAÚDE E EDUCAÇÃO DE GUARULHOS

LUANA FLAUSINO DARDIS

TEMPORALIDADE PÓS-MODERNA:
O TEMPO, O SER E O ADOECIMENTO DO SUJEITO

GUARULHOS

2021

LUANA FLAUSINO DARDIS

TEMPORALIDADE PÓS-MODERNA:
O TEMPO, O SER E O ADOECIMENTO DO SUJEITO

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, sob orientação da Professora Mestra Luciana Almeida Lima.

GUARULHOS
2021

LUANA FLAUSINO DARDIS

TEMPORALIDADE PÓS-MODERNA:
O TEMPO, O SER E O ADOECIMENTO DO SUJEITO

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, sob orientação da Professora Mestra Luciana Almeida Lima.

Prof.ª Me. Luciana Almeida Lima
Orientadora
Faculdades Integradas de Guarulhos

Prof.ª Me. Magna Barboza Damasceno
Banca Examinadora
Faculdades Integradas de Guarulhos

Prof.ª Me. Rosangela Maria C. Ortegosa
Banca Examinadora
Faculdades Integradas de Guarulhos

GUARULHOS
15 de dezembro de 2021

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento à minha família, pelo apoio e incentivo contínuos durante todos os altos e baixos. À minha orientadora Luciana, por embarcar nessa jornada comigo e pacientemente me oferecer um Norte. Aos professores e colegas que participaram e participam da minha formação, pois são fonte inesgotável de aprendizado e afeto.

Com menção especial à Elisa, quem me despertou para o tema com uma delicadeza a qual só ela poderia expressar, e ao Adonis, professor cuja condução apaixonada da fenomenologia é grande inspiração.

> A vontade é impotente perante o que está para trás dela. Não poder destruir o tempo, nem a avidez transbordante do tempo, é a angústia mais solitária da vontade.
>
> — NIETZSCHE, 1883.

Luana Flausino Dardis. **Temporalidade Pós-Moderna: o Tempo, o Ser e o Adoecimento do Sujeito**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos. Guarulhos, 2021.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo estudar sobre a temporalidade no que tange ao adoecimento psíquico pós-moderno através de um olhar fenomenológico. Para isso, foi necessário compreender como estão construídos os conceitos de Ser, tempo, pós-modernidade e adoecimento, a fim de visualizar como podem estar interligados. O percurso foi estruturado na forma de uma revisão bibliográfica narrativa, o que possibilitou evidenciar que a pós-modernidade reúne características que modificam a experiência de tempo através de uma aceleração imparável, acentuando um desassossego epocal que tem sido entendido como adoecimento psíquico. A fenomenologia-existencial sugere que se coloque em suspensão esses rótulos e pré-conclusões para pensar os modos de ser enquanto denúncia e possibilidade, haja vista que, nessa perspectiva, o adoecimento diz respeito a uma parada no ritmo desenfreado do cotidiano, propiciando uma abertura sustentada na ideia de que o problema não reside nas formas adoecidas por elas mesmas e sim, no enrijecimento dela como única possibilidade de existir, o que tira a liberdade do Ser. Ao cuidado terapêutico caberia acolher a angústia livre dos rótulos e consciência da malha histórica onde se dá a existência, para não repetir a lógica do sofrimento.

Palavras-Chave: Fenomenologia, Ser, Temporalidade, Pós-Modernidade, Adoecimento

ABSTRACT

This work aims to study the temporality of post-modern psychic illness through a phenomenological perspective. For this, it was necessary to understand how the concepts of being, time, post-modernity, and illness are constructed to visualize how they can be interconnected. The path was structured in the form of a narrative bibliographic review, which made it possible to show that post-modernity brings together characteristics that modify the experience of time through an unstoppable acceleration, accentuating an epochal restlessness that has been understood as a psychic illness. Existential-phenomenology suggests that these labels and pre-conclusions should be suspended in order to think about the ways of being as a complaint and a possibility, given that in this perspective, illness refers to a stop in the unbridled rhythm of daily life, providing a sustained opening in the idea that the problem does not lie in the forms that are sick by themselves, but in their stiffening as the only possibility of existence, which takes away the freedom of the Being. The therapeutic care would be to welcome the anguish free of labels and aware of the historical fabric where existence takes place so the logic of suffering won't be repeated.

Key-Words: Phenomenology, Being, Temporality, Post-Modernity, Illness

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 : Homem jogando pedras no lago calmo de suas certezas, só para ver. 15
Figura 2 : Caindo em desespero, na procura do eu 18
Figura 3 : O tempo é aquilo que me escorre por inteiro 22
Figura 4 : Homem dando um tempo de si 29

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO 9

2 – OBJETIVOS 10

2.1 - Objetivo Geral: 10

2.2 - Objetivos Específicos: 10

3 – REVISÃO DE LITERATURA 11

3.1 - Um esboço introdutório sobre essa tal Fenomenologia 11

3.2 - Ser ou não-Ser, eis a questão 16

3.3 - Tempo e Temporalidade 19

3.4 - Situando o “Pós-Moderno” 23

3.5 - O adoecimento psíquico e a Temporalidade 25

4 – MATERIAL E MÉTODOS 30

4.1 - Metodologia 30

4.2 - Repositórios selecionados 30

4.3 - Critérios de seleção do material 30

5 – ANÁLISE 31

5.1 - Resultados da Revisão 31

5.2 - Discussão 33

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS 36

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 38

7.1 - Referências de Ilustrações 40

1 – INTRODUÇÃO

O tempo é um dos mistérios mais estudados no decorrer da história humana, da filosofia clássica à física moderna houve um esforço hercúleo para desvendar as particularidades dessa experiência tão cotidiana e, paradoxalmente, tão complexa. (ROVELLI, 2018) Concomitante à essa busca, surge na pós-modernidade censos e manchetes que denunciam um cenário alarmante no qual se fala de uma juventude cada vez mais adoecida psiquicamente, vítimas de stress, tédio, depressão, ansiedade, Burnout... rótulos dos mais diversos em graus variados (MOSÉ, 2018).

O presente trabalho é, então, fruto do interesse em estudar o tema da temporalidade e sua possível influência no adoecimento psíquico observado na conjuntura pós-moderna, fazendo uso do olhar fenomenológico para articular a discussão. Como metodologia, optou-se pelo viés qualitativo através da revisão bibliográfica narrativa.

O interesse no tema está em consonância com aquilo que se assume como objetivo medular: investigar *se* e *como* a experiência de tempo humana pode interferir no processo de adoecimento psíquico relatado atualmente. Para chegar até esse ponto, o caminho percorrido intenta averiguar primeiramente como se dá o Ser, o Tempo, a Pós-Modernidade e o Adoecimento Psíquico. É também de interesse desse trabalho estender a discussão para o cuidado terapêutico e suas possibilidades em tal horizonte.

A relevância se dá, pois, a temporalidade e o adoecimento psíquico são temas em permanente atualização que atravessam a psicologia tanto em termos de teoria quanto em sua prática clínica, propiciando novos olhares e significações.

2 – OBJETIVOS

2.1 - Objetivo Geral:

Investigar a influência da percepção do ser humano acerca do tempo interferindo no adoecimento psíquico no contexto pós-moderno.

2.2 - Objetivos Específicos:

1. Revisar possíveis significações que a sociedade pós-moderna atribui ao tempo;
2. Investigar como se dá o adoecimento psíquico pós-moderno;
3. Traçar possíveis correlações entre tempo e adoecimento psíquico através de conceitos da psicopatologia fenomenológica-existencial.
4. Identificar como a psicologia pode atuar diante de contextos nos quais o adoecimento psíquico possa ser influenciado pela percepção temporal do sujeito.

3 – REVISÃO DE LITERATURA

3.1 - Um esboço introdutório sobre essa tal Fenomenologia

É imprescindível a qualquer discussão que antes de ser iniciada e dissecada, tenha-se em mãos alguns conceitos chave que perpassarão o assunto a que se deseja expor. O presente trabalho não se faz exceção, de forma que tomará o espaço deste primeiro tópico para falar breve e humildemente dessa tal Fenomenologia.

A Fenomenologia é uma escola filosófica relativamente nova se comparada as suas irmãs, já que ela surge no final do século 19 e início do século 20 na Alemanha, sendo fruto dos estudos de Edmund Husserl. Esse termo que parece um desafio de dicção, foi construído da junção de duas palavras de origem grega: Fenômeno e "Logia". Sendo 'Fenômeno' usado para designar algo que se manifesta, que se mostra (não apenas aquilo que parece ou aparece), e 'Logia', por sua vez, deriva diretamente de *logos*, cuja tradução mais comum é estudo ou capacidade de refletir sobre algo. Dessa forma, entende-se Fenomenologia como a reflexão de um fenômeno ou como uma reflexão sobre aquilo que se mostra (BELLO, 2006).

Não seria equívoco então dizer que a Fenomenologia se debruça sobre o estudo dos fenômenos, entretanto surge dessa colocação uma segunda dúvida: O que é isso que chamamos fenômeno? Isso que se mostra para o ser humano e que a fenomenologia deseja refletir sobre?

Quando 'coisificamos' e utilizamos do verbo "mostrar-se" para designar os fenômenos cria-se também a tendência de achar que eles dizem respeito apenas ao mundo físico, corpóreo, objetificado, mas, conforme explica a professora Angela Ales Bello (2006) os fenômenos também se referem ao abstrato.

> Por exemplo a palavra latina república, que usamos para dizer *coisa pública* não se refere à coisa física, mas a um conjunto de situações. Significado das coisas culturais, eventos, fatos, que não são de ordem estritamente física. Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, que conseguimos compreender o sentido. (BELLO, 2006 p.19)

De forma resumida, a Fenomenologia irá ocupar-se não especificamente daquilo que se mostra por si só, mas da busca do sentido para o fenômeno. A grande questão da filosofia sempre foi a busca do sentido, e a Fenomenologia não diverge desse objetivo, pois seu desejo é entender o sentido daquilo que se manifesta (BELLO, 2006). Tendo isso registrado, uma terceira indagação desponta: De que forma se valerá a fenomenologia para chegar a esse conhecimento?

Para dar essa resposta é necessário entender que a fenomenologia surgiu de um espaço criado pela insuficiência do dualismo cartesiano e do positivismo em explicar questões humanas mais complexas, mas também não deve ser entendida como uma *intuição* ou coisa que o valha (FORGHIERI, 2002). Ela se constrói como um método rigoroso, uma série de operações realizadas para compreender o sentido dos fenômenos (BELLO, 2006). Husserl, profundamente influenciado pelas obras de Franz Brentano e pela ideia de intencionalidade que ele propunha, estabeleceu um método de investigação dos fenômenos; "chegando a uma análise profunda do conhecimento, que ultrapassa os limites da Psicologia" (FORGHIERI, 2002, p. 14).

Essa análise se sustenta através de um tripé fundamental:

Em primeiro lugar, Husserl estabelece a importância de *retornar as coisas a elas mesmas*, pois defende que o ponto de partida verdadeiro não está em consonância com teorias, mas consigo e em si. Isso significa que essa "coisa mesma" não é ela própria, mas um fenômeno, e esse seria o único que se tem contato imediato, já que integra consciência e objeto em um ato de significação.

Neste ponto deve-se abrir um parênteses para a palavra consciência, para falar então da intencionalidade. Para Husserl a consciência é sempre intencional, ela está sempre voltada para um objeto (assim como este é sempre objeto para uma consciência). A intencionalidade então é o ato de atribuir um sentido a algo, capaz de unir sujeito e mundo. Essa noção é importante, pois através dela se compreende que o Mundo não se constitui de pura exterioridade, assim como o sujeito, o Ser, não é apenas interioridade (FORGHIERI, 2002)

A segunda ponta essencial estabelecida é a *Epoché*, ou uma suspensão de toda a teoria e conhecimento anterior ao fenômeno. De uma forma simples a *Epoché* é o ato fenomenológico de colocar entre parênteses os juízos e pré-conceitos sobre o fenômeno que se observa, pois para Husserl essa atitude permite enxergar o sujeito e o mundo como fenômenos ou como constituintes de uma totalidade e também como significações (FORGHIERI, 2002)

Por fim, Husserl se pergunta, se podemos entender o sentido das coisas, e chega à conclusão de que sim, nós intuímos o sentido das coisas – embora algumas não seja possível captar o sentido imediatamente. Para esse tema ele usa das palavras *eidos* que se traduz como 'ideia' (não como produto da mente, mas do sentido) e a palavra de origem latina *essência*. Ou seja, nós captamos a essência através do sentido, da ideia. A esse processo dá-se o nome de Redução Eidética, ou seja, uma descrição do fenômeno, do evento por assim dizer, prezando a essência significativa ao invés de fatos (BELLO, 2006).

> Husserl diz, por exemplo, que não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato. Este é um ponto muito importante: existem os fatos? Certamente, existem. Mas não nos interessa os fatos enquanto fatos, interessamo-nos pelo sentido deles. Por isso posso também "colocar entre parênteses" a existência dos fatos para compreender sua essência. Esse é um argumento para quem diz que importantes são os fatos (BELLO, 2006, p. 23)

Antes de falar sobre a segunda etapa que compõe a redução, um exemplo pode ajudar o leitor a compreender melhor as colocações anteriores: Suponhamos que esteja lendo este trabalho ao lado de uma janela aberta e escuta então um gorjear constante. Sem que olhe para fora, você pode imediatamente dizer "há um pássaro próximo da minha janela". Fazemos isso sem a necessidade de saber qual o pássaro em questão, pois somos capazes de intuir a essência, o sentido das coisas. A professora Bello (2006, p. 23) também fornece um exemplo mais abstrato: "alguém poderia dizer sinto ódio ou sinto dor e nós sabemos imediatamente do que se trata".

A redução, é o recurso da fenomenologia para chegar até a essência do fenômeno e segundo Forghieiri (2002) pode ser sintetizada em positiva ou negativa. A negativa seria a que se ocupa da descrição do fenômeno, ou seja, uma Redução Eidética e a positiva trataria então da imediatez da vivência, ou a intuição originária, a essa chama-se Redução Transcendental.

A Redução Transcendental usa da consciência para buscar o sentido das experiências em si só. Lembremos então que para Husserl a consciência é sempre intencional e a intencionalidade é o que atribui sentido ao Mundo e aos objetos. O que isso quer dizer? Para responder essa pergunta, cabe outro exemplo: Imagine que está sentado confortavelmente em seu sofá e ao seu lado está um livro. Você está consciente da existência do livro, mas não lhe dá importância. Então lembra-se que precisa terminar a leitura de um título e dessa forma o livro ao seu lado começa a ganhar olhares, começa a lhe causar certo incômodo. Esse exemplo cotidiano nos mostra duas coisas: a primeira é que se percebe o livro de forma pré-reflexiva, ele está ali, é possível vê-lo. A segunda é que ele só nos diz algo quando nossa consciência a ele se direciona, ele passa a significar algo, a lembrar-nos de algo. A Redução Transcendental irá analisar esse sentido, a essência da experiência nela própria (BELLO, 2006).

Os tópicos apresentados formam o caminho que a fenomenologia percorre para embasar seus estudos, ela é um método e como método pode ser aplicado em diversas áreas do conhecimento. É interessante também dizer que a fenomenologia é objeto de estudo dela mesma e por isso sempre se refaz, tornando sua explicação uma tarefa hercúlea, especialmente se considerarmos que ilustrar demais vai contra sua proposta. É comum então

que cada autor e representante dessa corrente pense e a manuseie de maneira distinta, embora o cerne permaneça o mesmo. Conforme Merleau-Ponty:

> O que é a fenomenologia? Pode parecer estranho que ainda se precise colocar essa questão meio século depois dos primeiros trabalhos de Husserl. Todavia, ela está longe de estar resolvida. [...] O leitor apressado renunciará a circunscrever uma doutrina que falou de tudo e perguntar-se-á se uma filosofia que não consegue definir-se merece todo o ruído que se faz em torno dela, e se não se trata antes de um mito e de uma moda. Mesmo se fosse assim, restaria compreender o prestígio desse mito e a origem dessa moda, e a seriedade filosófica traduzirá essa situação dizendo que a fenomenologia se deixa praticar e reconhecer como maneira ou como estilo; ela existe como movimento antes de ter chegado a uma inteira consciência filosófica. Ela está a caminho desde muito tempo; seus discípulos a reencontram em todas as partes, em Hegel e em Kierkegaard, seguramente, mas também em Marx, em Nietzsche, em Freud (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 02).

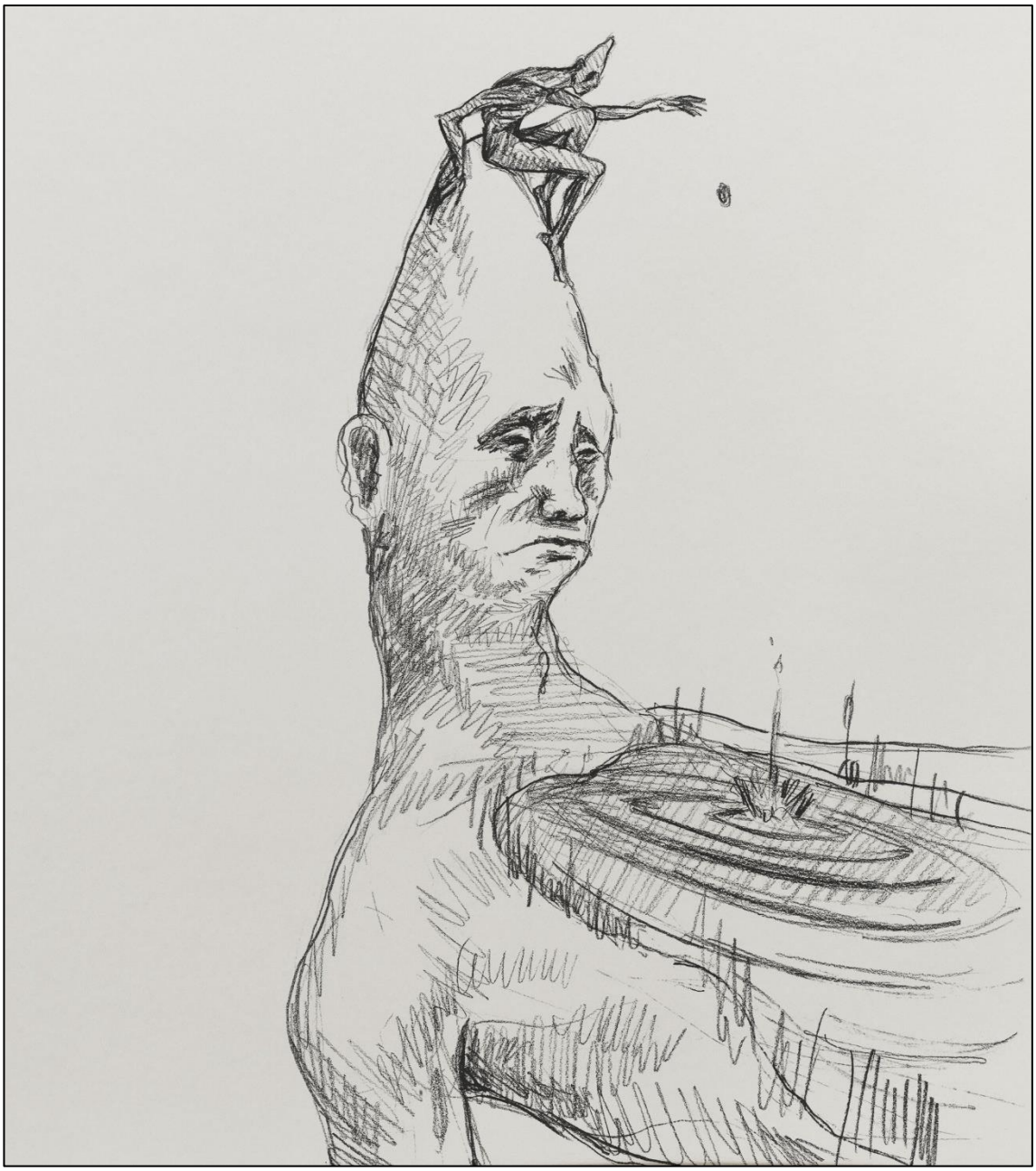

Figura 1 : **FONTE:** @susanocorreia no twitter em agosto de 2021.

1. “Homem jogando pedras no lago calmo de suas certezas, só para ver” é o título da ilustração criada por Susano Correia e disponibilizada em sua página pessoal do twitter @susanocorreia.

3.2 - Ser ou não-Ser, eis a questão

Poucas perguntas são tão capciosas que permanecem um mistério mesmo após dois mil anos de pensamento. O significado do Ser, entretanto, se mostra como uma dessas aparições inquietantes que move séculos de debate sem jamais se extinguir em conteúdo ou divergência; isso se deve em boa parte pela complexidade encontrada ao tentar delimitar e delinear para o Ser um conceito que o abrace completamente (REIS, 1992).

A tradição ontológica ocidental, por exemplo, costuma iniciar sua investigação pela via da redução, isso é, busca em sua raiz etiológica desvelar atribuições de sentido à palavra. Dessa tentativa já resulta uma falha, pois, conforme explica Reis (1992), Platão previamente apontava que em sua origem grega "Ser" possui uma pluralidade de valores linguísticos, recebendo diversos significados e, por vezes, significado algum – atuando apenas como uma ligação entre outras partículas.

O entrave encontrado logo de início não fez cessar as investidas em definir o Ser durante o curso da filosofia. Desde Parmênides e o Ser uno indivisível, passando por Hegel em seu princípio especulativo ou Nietzsche com a dissolução do Ser em vontade de potência, também falada por Kant em sua tese (HEIDEGGER, 2018). Todos mobilizaram e adicionaram ao Ser sua própria parcela de compreensão, mas tangenciando ainda que de forma tímida, a ideia proposta por Aristóteles de que Ser é existir em si mesmo em contraposição ao Nada (REIS, 1992).

A psicologia como ciência humana e irmã da escola filosófica naturalmente não poderia esgueirar-se de tal discussão por muito tempo e traz a tarefa para si junto às palavras existência e identidade.

Para Reis (1992), em uma revisão da filosofia analítica, o conceito de identidade está concentrado na ideia de uma de-finição e na reduplicação, ou seja, no retorno daquilo que já foi dito, o "si mesmo aristotélico". Para Forghieri (2002), entretanto, a Identidade se dá na psicologia fenomenológica como um conjunto de características que constituem a totalidade do existir humano e que são descritas a partir das vivências cotidianas da pessoa, como ela as percebe. Há aqui um ponto, pois o conceito de identidade pressupõe uma unidade específica que só é possível diante da diferença. Entender isso significa entender que só é possível Ser na presença do outro e por conseguinte, no mundo, como diz Boss (1963, apud FORGHIERI 2002, p. 28): "As coisas não podem ser sem o homem e o homem não pode ser sem as coisas que encontra."

Essa discussão traz à luz o movimento dialético entre Ser e Mundo, no que evidencia o quanto a identidade está implicada nos acontecimentos vivenciados cotidianamente, nos

lugares percorridos, pessoas e objetos com os quais se relaciona. Posto de maneira mais objetiva: “Precisamos do mundo para saber quem somos” (FORGHIERI, 2002, p. 28).

Refletindo sobre essa interseção é que Martin Heidegger escreve seu livro Ser e Tempo em 1927, no qual cunha o termo Ser-aí – ou *Dasein* se referido em alemão, e sua expressão na cotidianidade: o Ser-no-Mundo. Ambos de grande importância não só para a ontologia e filosofia, mas também para as discussões do Ser dentro da Psicologia Fenomenológica (MATTAR, 2020).

Heidegger (2018) aponta que o erro está na tentativa de engessar o Ser em uma unidade imutável e vazia, como uma verdade estática (pois defende que o Ser, como objeto de pensamento, deve estar sempre em questão):

> A palavra-guia “Ser”, em sua pluralidade de sentidos, permite reconhecer que o discurso sobre ser e ente jamais se deixa fixar numa época da história reveladora do “Ser” [HEIDEGGER, 2018, p. 31].

Dessa forma, Ser-no-Mundo se constitui como uma estrutura originária que diz respeito a uma totalidade que não pode ser decomposta em elementos isolados. Contudo, como uma existência que se dá em ressonância com o Mundo e com as coisas, pode ser destrinchada para fins de estudo, conforme faz Biswanger ao determinar os “aspectos do mundo” – circundante, humano e próprio; ou mesmo Heidegger ao se aprofundar nas “formas de existir” (FORGHIERI, 2002).

> ‘Ser’ não é uma estrutura ontológica existindo em algum ‘supermundo’ que se manifesta uma vez ou outra na existência humana. Ser-no-Mundo consiste na maneira única e exclusiva do homem existir, se comportar e se relacionar às coisas e às pessoas que encontra... [BOSS, 1963, apud FORGHIERI, 2002 p. 28].

Uma das frases mais icônicas das peças Shakespeareanas, proferida pelo personagem Hamlet e tão presente na cultura popular, o “ser ou não ser, eis a questão”, dá indícios da tentativa sobre-humana de refletir através da consciência e do pensamento crítico o sentido das coisas. A própria lógica científica, positivista, se debruça em sua intensa procura das verdades factuais, perdendo de vista que mesmo o fazer científico é uma possibilidade que se dá em uma existência no mundo. A possibilidade constrói a identidade que, portanto, está em permanente transformação (FORGHIERI, 2002).

Assim, sobre as questões do Ser para a psicologia fenomenológica, cabe o grifo de Van Den Berg (1994) ao lembrar que “uma das principais características da fenomenologia é que não visa a procura de uma teoria, mas apenas um plausível conhecimento íntimo”. Assim

se dá também a ideia do Ser em Heidegger, não cabe ser definido, mas vivido e no máximo descrito.

> O Ser não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar em seu sentido como outra coisa. O ser só pode ser determinado em seu sentido como ele mesmo [HEIDEGGER, 2005, p. 13].

Figura 2 : **FONTE:** @susanocorreia no twitter em agosto de 2021.

2. “Caindo em desespero, na procura do eu” é o título da ilustração criada por Susano Correia e disponibilizada em sua página pessoal do twitter @susanocorreia.

3.3 - Tempo e Temporalidade

O tempo é, muito provavelmente, um dos temas mais investigados ao longo da história. Da cosmologia à física quântica, da filosofia às ciências matemáticas, de todas as áreas partem esforços do ser humano para decifrar esse fenômeno enigmático que, todavia, é experienciado diariamente no curso da vida (ROVELLI, 2018).

Inquietante é o fato de que o tempo é familiar e paradoxalmente um mistério. Como sugeriu certa vez Santo Agostinho ao dizer que sabe o que é o tempo, mas se perguntado sobre o assunto, não saberia de forma alguma responder. Rovelli em seu início de carreira também se perguntou "somos nós que existimos no tempo, ou o tempo que existe em nós?" (2018, p.12) e dessa indagação uma das maiores questões da física moderna foi suscitada: qual a origem do tempo?

Porém, antes das medições e equações trazidas pelo racionalismo serem uma realidade, as civilizações já se debruçavam sobre o Tempo: Os mitos que falam da renovação e retorno à origem são múltiplos e diversos ao redor do mundo pois, conforme Eliade (2006) explica, o conhecimento da origem de cada coisa confere uma espécie de domínio mágico sobre ela e através desse saber que é possível supor o que se passará no futuro.

Na cultura taoísta chinesa, por exemplo, havia técnicas místicas que propunham uma cura da obra do tempo. Na Índia também se falava de técnicas ritualísticas que visavam longevidade e imortalidade (ELIADE, 2006). A cultura Hindu, por sua vez, explica o curso do tempo pela imagem de Shiva e sua dança, cujo ritmo determina o movimento do universo. Na cultura judaico-cristã fala-se de um tempo do homem e um tempo que é divino (ROVELLI, 2018). Todas marcam certo empenho em explicar a passagem do tempo. Entretanto, a representação grega possivelmente é a de maior destaque.

Na Grécia antiga a figura do tempo se personifica em Krónos, ser tirano que, em posse de uma foice castra o pai e temeroso do futuro profético no qual é destronado por seus filhos, passa a os engolir um a um logo após o nascimento.

Em sua tardia variante romana, Krónos é Saturno, deus das colheitas e das estações. Interessante notar como a dualidade das duas versões remetem ao mesmo fenômeno, esse Tempo que deriva do latim *Tempus*, que por sua vez deriva do grego *Témno*: palavra usada para ceifar, decepar, separar (BORGES-DUARTE, 2014).

Esse movimento de retorno à origem evidencia não apenas o desejo de entendimento, mas também o temor diante da finitude. Essa insegurança fomentaria mais tarde o que a filósofa Viviane Mosé (2018) chama de um sonho antropocêntrico de controlar a vida.

> Quando começou a enterrar seus mortos, quando de algum modo construiu o rito funeral, o homo sapiens há 6 mil anos já tinha consciência de sua finitude, de sua presença provisória no mundo. (...) Foi esta consciência da fragilidade da vida, foi este choque que nos fez ver a nós mesmos, que nos fez ter a vida em alta conta: a vida é rara, deve ser cuidada, cultivada, mantida [MOSÉ, 2018, p. 11]

Em posse dessa consciência o homem não tardou em usar de sua capacidade reflexiva para elaborar artifícios que objetificassem o tempo, metrificando-o ao seu favor. Assim foram criadas as três dimensões passado, presente e futuro; e assim os relógios surgem em meados do século XVIII como forma de ditar o ritmo do trabalho cotidiano nos campanários. Mas a própria ciência, apesar de suas complexas equações, não tem uma resposta para o que é o tempo (ROVELLI, 2018).

Talvez isso se deva ao fato de que o desejo da verdade e da origem coloque de lado o que a fenomenologia busca resgatar: a vivência imediata e pré-reflexiva na qual a pergunta deixa de ser "o que é?" para assumir uma descrição de como é o existir temporal (FORGHIERI, 2002).

Segundo Forghieri (2002) o existir na etiologia da palavra sugere um "sair de si mesmo", um transcender da experiência imediata que fala diretamente com a experiência de tempo que não é a dos relógios, a essa vivência chamamos temporalidade. O fundamento básico da existência é a temporalidade, esta que vem sempre acompanhada de um sentimento de agrado ou desagrado — Borges-Duarte (2018) chama de sossego e desassossego. Essas emoções cotidianas permitem que a experiência do tempo assuma propriedades elásticas, relativas às experiências de cada ser-no-mundo.

É possível ilustrar essa velocidade através de um exemplo simples: imagine um estudante em sala. Ele sabe que a duração de cada aula é exatamente uma hora contada no relógio. Sessenta minutos. Esses sessenta minutos, objetivamente falando, é o mesmo para ele e para todos os seus colegas. A aula é geografia, disciplina a qual muitos gostam, outros sentem profundo tédio. Ao término dos sessenta minutos, um aluno que gosta da matéria poderá dizer "puxa! A aula passou voando!" enquanto o aluno descontente dirá "claro que não, durou uma eternidade!" (BORGES-DUARTE, 2018).

O encontro da condição humana em seu caráter temporal está profundamente ligado com as formas de ser-no-mundo: quando sintonizada, o tempo decorre com fluidez. Quando preocupada ou entediada, decorre devagar. Se racional, sou capaz de antecipar as possibilidade e aberturas, me aperfeiçoar (FORGHIERI, 2002).

Reis (2005), ao trazer a ideia da temporalidade originária, elucida que o *Dasein* é marcado por atos de consciência que acompanham a ação, permitindo que se pense no

passado através da memória e no futuro através da antecipação. Por isso para Heidegger a temporalidade ocorre de forma simultânea. O Ser-aí se antecipa a todo momento e por isso é um constante vir-a-ser, ele está sempre aberto às possibilidades. A morte, entretanto, fecha esse todo. A morte é a possibilidade certa, porém indeterminada, por isso é uma constante ameaça.

A morte retoma então a consciência da finitude humana e traz com ela uma angústia existencial, pois não há como prever o fim, não é uma certeza passível de experimentação ou controle quantitativo. Diante de profunda inquietação, a fuga costuma ser a opção escolhida. Pois na morte há ainda um "não" implícito: não às possibilidades. Estar consciente da morte é saber que não será possível viver todas as aberturas, haverá sempre o peso de uma escolha, pois o ser humano jamais conseguirá vencer sua condição básica de ser finito (FORGHIERI, 2002).

Por conseguinte, Forghieri (2002) sublinha que todo Ser é também Ser-Para-a-Morte e nessa condição jaz uma culpa inerente do existir por, sujeito a materialidade, não ser capaz de concretizar todas as possibilidades.

Em uma perspectiva menos "pessimista", Ser-Para-a-Morte quando incluso em nossa reflexão permite encontrar o sentido da existência, pois ela implica "prosseguir em direção ao futuro, correr o risco de se jogar nas possibilidades e na imprevisibilidade" (IBIDEM, 2002, pg. 44). Abraçar a inevitabilidade da morte restabelece uma vida autêntica na qual o Ser assume a posse de si e de seu tempo, pois deixa de recair na publicidade do "a gente morre" (quem é a gente? A gente não é ninguém) e atende ao chamado da consciência convocando o Dasein a ser ele próprio (REIS, 2005).

Mas isso só é possível através da vivência pré-reflexiva e imediata, pois, como bem coloca Rovelli "o que nos move não é a reflexão sobre a vida, é a vida" (2018, p. 158).

> (...) o tempo somos nós. Somos este espaço, esta clareira aberta para vestígios da memória dentro das conexões dos nossos neurônios. Somos memória. Somos saudade. Somos anseio por um futuro que não virá. Este espaço aberto pela memória e pela antecipação é o tempo, que às vezes pode ser que nos angustie, mas que no final é um dom. Um milagre precioso que o jogo do infinito abriu para nós. Permitindo-nos ser. (ROVELLI, 2018, p. 155)

Figura 3 : **FONTE:** @susanocorreia no twitter em julho de 2021.

3. “O tempo é aquilo que me escorre por inteiro” é o título da ilustração criada por Susano Correia e disponibilizada em sua página pessoal do twitter @susanocorreia.

3.4 - Situando o “Pós-Moderno”

Pós-modernidade é um dos diversos termos adotados por estudiosos para se referir ao mundo atual e suas peculiaridades cotidianas, ainda que, conforme explica Adelman (2009) não exista de fato um consenso sobre isso que se intitula como pós-modernidade, sendo esse um dos fatores pelos quais alguns sociólogos preferem não utilizar o rótulo. — Bauman por exemplo, aderiu a ideia de uma modernidade liquida enquanto Giddens prefere referir-se a uma modernidade radicalizada.

A palavra em si foi utilizada para referenciar o movimento artístico modernismo, sendo dada no início dos anos 60 e evidenciada apenas na década de 80. O acréscimo do prefixo “pós”, todavia, possuí uma semântica velada, já que sugere uma negação crítica de sua carga histórica. Isso significaria que o pós-modernismo se opõe aos valores da modernidade, muito embora para Bauman, Harvey e Jameson não se trata de uma nova época e sim de uma continuidade do modernismo. Uma atualização profundamente marcada pelo capitalismo e pela globalização (SOUZA, 2012).

Entender o que é a pós-modernidade em seu sentido semântico ou morfológico não é o objetivo central, mas compreender as características do mundo contemporâneo o qual habita o Ser e cuja evidente dificuldade de definição já é uma particularidade intrínseca.

Para Sarup (1996 apud SOUZA, 2012) a partir da década de 70 têm ocorrido diversas mudanças sociais que trouxeram novas formas de experienciar tanto o tempo quanto o espaço. Tais mudanças estariam relacionadas à cultura, economia, conhecimento, dentre outras áreas que contemplam o existir humano e resultam em uma insegurança e efemeridade desenvolvidas por um sistema cujo foco é o fluxo de capital.

Na segunda metade do século XX, segundo Adelman (2009) algumas normas que regiam a vida cotidiana foram sendo abolidas e o mundo vivencia desde então transformações da família, sexualidade, gênero, política e relações de poder, frutos de uma sociedade ansiosa para ser universal e com um apetite voraz pela conquista. Para a autora há uma troca de poderes na qual se criou uma elite de experts cujo saber é uma forma de controle; a relação de produção e consumo deu luz à uma organização social marcada por ambiguidade e uma profunda erosão do estatuto público e privado.

Em consonância com Adelman, Portela (2008) afirma que na configuração de mundo contemporânea houve uma exacerbação do individualismo marcado por uma lógica flexível e consumista que produz sujeitos incapazes de esperar e cuja informação é sua maior especialidade. O bombardeio de conteúdo e o imediatismo possui uma relação direta com a

globalização, que o autor entende como um fenômeno que propicia um distanciamento do tempo-espaço, pois nela há uma interseção entre presença e ausência.

> A globalização, com todos os seus efeitos, conduz à tensão dialética entre o local e o global, entre o aqui e o lá, o agora e o depois. Antes, podia-se ver o global a partir do local; o sujeito pós-moderno vê o local a partir do global. Antes, o local era aqui, hoje pode ser em qualquer lugar. Antes, tinha-se no ancoramento da situação imediata uma referência estável para organização da identidade, o que possibilitava lançar-se no mundo globalizado (PORTELA, 2008, p. 134).

Dessa forma, para o ser pós-moderno, contemporâneo, o tempo e o espaço são infinitos, ambos inseridos em uma "presentificação" causadora de angústia no que força o sujeito a sentir sua incapacidade de apreensão de todas as informações que produz e internaliza. O que, por sua vez, reconfigura o cerne da identidade, tornando o Ser um projeto reflexivo que busca incansavelmente organizar os fragmentos de informação que recebe (IBIDEM, 2008).

Esse sujeito inserido em uma sociedade tecnocrata, racionalista, que acredita em projetos lineares de verdades absolutas (SOUZA, 2012) é produto de idealizações simbólicas que levam à uma condição existencial lacunar, fragmentada, que busca independência e liberdade a todo e qualquer custo, em uma afirmação pura e narcísica do eu (RENAULT, 1998, apud PORTELA, 2008)

Dessa forma, Bauman fala de um mundo líquido e incerto, cuja ênfase está em uma liberdade desatada, concedida pelo capital e consumo de bens. Debord fala de uma sociedade do espetáculo, heterogênea. Harvey refere-se à uma cultura de dominação tardia do capitalismo enquanto Baudrillard pensa sujeitos que, vítimas da fragmentação, têm sua identidade formulada pela reduplicação, pois não se sabe o que é real e o que não é (SOUZA, 2012).

Fica evidente até então que a pós-modernidade reúne aspectos marcados pela tecnologia, pela mudança de paradigmas e pela globalização. Características que trazem consequências na forma a qual o sujeito experiência sua vida, sua existência. Mas Adelman (2009) lembra que embora existam traços culturais e estruturais que definam a contemporaneidade e que em sua grande maioria reforcem uma ideia que traz apenas decréscimos na conta civilizatória, há ganhos também que poucas vezes são mencionados, como por exemplo, a abertura de espaço para questões de gênero e sexualidade, para as lutas de classe e para o empoderamento. Aspectos que também devem ser lembrados para não enrijecer uma ideia que, por definição, não se define.

3.5 - O adoecimento psíquico e a Temporalidade

É inquestionável que a contemporaneidade trouxe muitos avanços em, se não todas, grande parte das atividades humanas: a tecnologia e a globalização de hoje são experiências cotidianas que há um par de décadas imaginava-se apenas em filmes de ficção e fantasia (ADELMAN, 2009). Infelizmente, na incessável valsa do progresso civilizatório, há um acompanhante que ganha mais e mais destaque: o adoecimento psíquico (MOSÉ, 2018).

Segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde, 2020) não há saúde sem saúde mental e essa têm enfrentado uma realidade de índices alarmantes, ao ponto de a depressão se tornar uma questão de saúde pública.

A sociedade pós-moderna perde cerca de 800 mil vidas para o suicídio a cada ano, sendo essa a segunda maior causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos. Não obstante, dados de 2015 da Organização Mundial da Saúde apontam que 322 milhões de pessoas sofrem de depressão no mundo e 264 milhões são acometidas por transtorno de ansiedade, dados que representam um aumento de 18% e 15% respectivamente em relação ao ano de 2005 (SINDJUSTIÇA, 2020).

Segundo Shekhar Saxena, representante do departamento de saúde mental da OMS, o cenário não permite otimismo e a depressão deve se tornar em 2030, sozinha, a maior causa de perdas dentre todas as questões de saúde (ERIKA, SBCM, 2009). Perspectiva que não parece tão descabida ou distante quando se avalia a declaração da OPAS (2016) sobre a juventude: “Estima-se que 62 mil adolescentes morreram em 2016 como resultado de autolesão. O suicídio é a 3ª principal causa de morte entre adolescentes mais velhos (15 a 19 anos)”.Ou, a nota publicada pela APA (American Psychological Association, WINERMAN) em 2017, que aponta um aumento de 64% do uso de antidepressivos entre 1999 e 2014 nos Estados Unidos. No Brasil, uma pesquisa realizada pela SulAmerica fala de um salto de 74% de antidepressivos entre 2010 e 2016 (MORAES, 2020).

As informações e censos desvelam um horizonte no qual a sociedade se vê adoecida psiquicamente, acontecimento que Mosé (2018) adverte sobre a urgência:

> Quando grande parte dos adultos está deprimida e medicada e quando a segunda maior causa de morte de jovens é o suicídio, alguma coisa muito errada se deu no processo civilizatório. Quando a medicina se sofistica a ponto de operar crianças ainda no útero da mãe, e ao mesmo tempo a soma das cinco doenças que mais mata crianças nos Estados Unidos é menor que as que tiram suas próprias vidas, isso somente pode dizer que algo deu muito errado com as escolhas civilizatórias que fizemos [MOSÉ, 2018, p. 31]

Para Mosé (2018) a questão contemporânea sugere que a vida se tornou um peso para os jovens que a têm terceirizado em busca de pequenos alívios do sofrimento. Uma exaustão

humana que também é endereçada pelo ensaísta cultural Byung-Chul Han (2017) em sua obra Sociedade do Cansaço. Para Han, o século XXI é marcado pelo que ele chama de doenças neuronais que se dão por um excesso de positividade e falta de negatividade ao enfrentar a vida.

Ambos os autores — Han (2017) e Mosé (2018), guiam suas análises culturais de forma a apontar a decadência do sujeito pós-moderno:

Para Mosé (2018), a tentativa do homem de controlar não só o meio que habita, mas sua própria natureza desagua em uma despotência provocada em grande parte pela ilusão da razão como soberana. A filósofa usa do pensamento de Nietzsche para defender que o ser humano tem usado a racionalidade para criar mil maneiras de afastar qualquer tipo de sofrimento ou desconforto advindos da experiência de viver, coisa que resulta em um humano fraco, intolerante a frustrações, alimentado de ilusões e que nega a própria vida.

> A dor advém, antes de tudo, do choque que caracteriza a vida como eterna expansão, eterna superação de si mesma. Em outras palavras, a dor é própria da vida, não tem como eliminá-la completamente, especialmente a dor psíquica, a dor de existir, de ter que fazer escolhas, lidar com as perdas, com o erro, com a morte... [MOSÉ, 2018, p. 100]

Em contrapartida, Han (2017) centraliza no sistema capitalista de produção e na dinâmica social a raiz desse adoecimento, pois há na pós-modernidade uma relação dialética do campo de trabalho, na qual o Ser se torna ele próprio escravo e senhor. Esse fenômeno é exemplificado através do ideal *multitask* de trabalho, das estações móveis que cobram produtividade a todo instante, do "tempo é dinheiro" que se ouve cotidianamente. Para o autor, atualmente há a cobrança de uma atenção ampla, porém rasa, e um sujeito que, rodeado de um conceito idealizado de positividade, entra em um processo de erosão de si. Fica enfadado de si em uma sociedade que produz infartos psíquicos.

> [...] a violência neuronal, ao contrário, escapa de toda ótica imunológica, pois não tem negatividade. A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva... Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido um excesso do igual. O *hiper* da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma massificação do positivo [HAN, 2017, p. 20-21]

É neste momento do cenário traçado, essa interseção onde habita o sujeito pós-moderno adoecido, que emerge a experiência do tempo como um tema medular que atravessa de forma sutil e velada toda a trajetória até aqui. O que em Han e Mosé não é holofote não deixa de ser indiretamente evidenciado: a temporalidade e sua influência nas experiências psicopatológicas do Ser.

De acordo com Mosé (2018) a sociedade contemporânea vive em um ritmo frenético ditado pelos ponteiros do relógio que estabelece conexões em rede, ultrarrápidas; tudo é de ordem simultânea, nada é sequencial. O sujeito pula de uma atividade para outra para preencher seus vazios existenciais. Han (2017) sugere que a sociedade hoje é pobre de interrupções, pois, no empuxo da aceleração se perderam afetos como ira, angústia, luto e tédio. Emoções de polaridade negativa que forçam uma parada. Forçam o olhar contemplativo que não pode surgir onde há inquietação; o autor faz então um alerta, pois a absolutização da vida ativa não dispõe de tempo para aprofundamento ou pausa, tão necessários para promover mudanças, abrir-se para a criatividade ou como sugeria Merleau-Ponty (1984 apud HAN, 2017, p. 36) "sair de nós mesmos, mergulhando nas coisas".

> Por falta de repouso nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos valeram tanto. Assim pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo [NIETZSCHE, 1967, p. 236 apud HAN, 2017, p.37]

Em paralelo com essa perspectiva, Casanova (2021) retoma a ideia heideggeriana do tédio como uma tonalidade afetiva fundamental do Ser-aí. Tédio esse que ele explica dirigir-se especialmente ao filosofar atual, na era da técnica. Para o autor a existência contemporânea é perpassada pelo tédio, mas não o desperta como possibilidade, pois há um conhecimento raso que o associa à letargia. O tédio está vinculado à quebra do ritmo existencial e por isso a tendência é esquivar-se de sua manifestação.

Desse lampejo também parte Cristine Mattar (2020) em seu trabalho doutoral "Depressão: doença ou fenômeno epocal?" no qual ela faz todo o percurso histórico-cultural da melancolia e da depressão em um esforço fenomenológico de fazer mostrar essa condição não como doença, mas como fenômeno epocal, gestacionado pela sociedade da competência e do sistema capitalista neoliberal, pois o ser-no-mundo é transpassado por tonalidades afetivas e o tédio é uma delas, muito embora na cotidianidade há uma proliferação de movimento e atividade como tentativas (falhas) de libertar e afugentar o tédio, comportamento que Kierkegaard nomeia de "variação extensiva", em contraposição a "variação intensiva" que seria demorar-se no tédio a fim de vislumbrá-lo por outro ângulo. — Existe a tendência de tomar as coisas já dadas em um contexto de interpretações prévias que faz com que o Ser olhe, mas não veja. A fenomenologia é, portanto, esse estranhamento daquilo que se diz ser natural ou a-histórico, pois ao fazer ver um fenômeno como se mostra, retira dele concepções sedimentadas que privam de ver outras possibilidades.

No que toca a temporalidade, Mattar (2020) traz a interlocução entre Kierkegaard e Binswanger. O personagem A. kierkegaardiano define a infelicidade como um “ausentar-se de si”, Binswanger esclarece esse ausentar como um ausentar-se do instante, entretanto não se diz o instante do relógio, do agora, mas o instante do Ser-aí que se abre e se depara consigo próprio. Pois tal ausentar-se é o que a autora clarifica como um passado vazio e um futuro também vazio.

> [...] se se tem esperança em um tempo futuro que não possui qualquer realidade e se recorda um tempo que não conteve qualquer realidade, aí tem-se a infelicidade propriamente dita. Querer somente ter esperança em um tempo futuro que não tem para ela nenhuma realidade ou recordar um tempo que não teve realidade, é estender-se para um futuro que não é mais possível ou fixar-se no que poderia ter sido e não foi, porque o passado não tem possibilidades, como afirmava Binswanger. O esperançoso pode não saber se algo irá realizar-se, o que difere de ter esperança em algo que não tem realidade possível. [MATTAR, 2020, p. 139]

Isto posto, o adoecimento psíquico do qual se fala na pós-modernidade vem em consonância com o pensamento de Boss de que no âmbito daqueles que se nomeia psiquicamente adoecidos é que se depara com um elemento comum à toda humanidade: a existência. Existência essa que é fundamentalmente temporal. Tempo que é abertura ao instante e instante que quando retido é anúncio do tempo como possibilitador. O adoecimento seria então um fenômeno epocal transpassado por essa aceleração que não permite a retenção do instante, demorar-se no tédio (PPG PSICOLOGIA UNICAP, 2021).

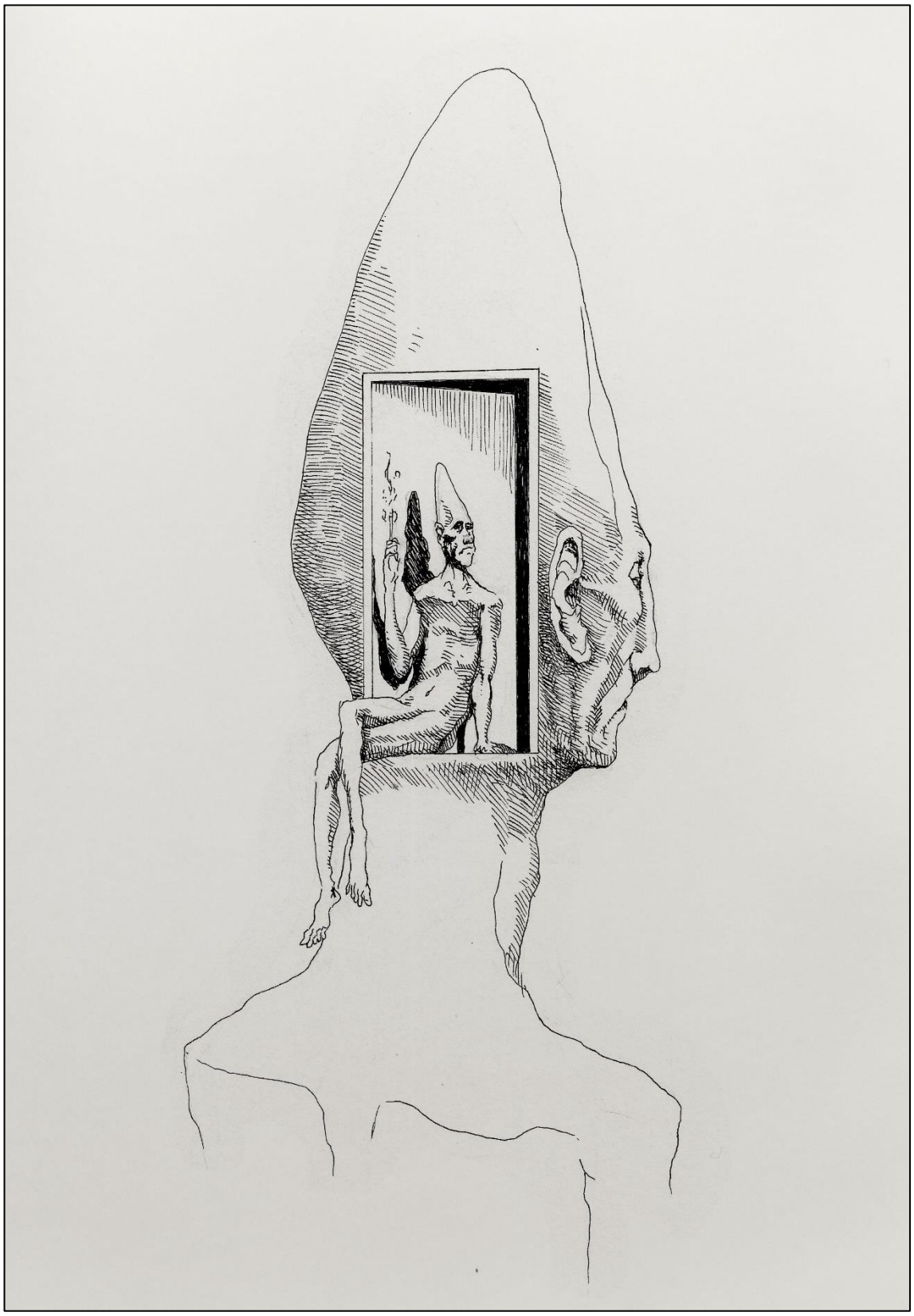

Figura 4 : **FONTE:** @susanocorreia no twitter em agosto de 2020.

4. “Homem dando um tempo de si” é o título da ilustração feita por Susano Correia e disponibilizada em sua página pessoal do twitter @susanocorreia.

4 – MATERIAL E MÉTODOS

4.1 - Metodologia

A organização deste trabalho consistiu na escolha do tipo de revisão bibliográfica narrativa, em consequência de seu caráter que possibilita a articulação de diversas pesquisas em função dos objetivos pretendidos.

> As revisões narrativas apresentam características e objetivos que diferem das revisões sistemáticas, pois são usualmente apropriadas para discutir o "estado da arte" de determinado assunto sob o ponto de vista teórico e/ou conceitual, não possuindo definição metodológica explícita sobre a coleta e interpretação da informação(CASSONI, 2013, p. 49).

Ou seja, no presente trabalho, esse tipo de pesquisa se propôs a aquisição e atualização de conhecimento sobre a temporalidade, sob a ótica fenomenológica e em vista do que se diz adoecimento pós-moderno. Como fonte dos dados foram utilizados artigos, livros e produções acadêmicas em geral que abordem o tema em questão.

4.2 - Repositórios selecionados

Os repositórios pesquisados foram: Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A primeira foi escolhida por se tratar de um repositório de periódicos da área da psicologia, a segunda foi utilizada por ser um repositório de revistas e periódicos nacionais e a terceira por se tratar de uma coleção de material em saúde.

4.3 - Critérios de seleção do material

O material foi selecionado pensando os tópicos de discussão através da fenomenologia, ou seja, fez-se uso das palavras "Temporalidade e Fenomenologia", "Temporalidade e Adoecimento" e "Temporalidade Pós-Moderna", filtrando os autores de acordo com a articulação fenomenológica apresentada.

5 – ANÁLISE

5.1 - Resultados da Revisão

O caminho trilhado até aqui teve por objetivo rever conceitos importantes que atravessam o tema do adoecimento psíquico pós-moderno no que concerne a temporalidade através de um prisma fenomenológico. Para tanto o percurso foi dividido em cinco tópicos: 1) Um esboço introdutório sobre essa tal fenomenologia; 2) Ser ou não-Ser, eis a questão; 3) Tempo e Temporalidade; 4) Situando o "Pós-Moderno" e 5) O adoecimento psíquico e a temporalidade.

O primeiro tópico toma para si a tarefa de apresentar timidamente o olhar fenomenológico que, conforme Bello (2006) relembra, é marcado pela busca de sentido para os fenômenos, aquilo que se mostra, e para tal busca faz uso de uma rigorosa metodologia estabelecida por Husserl e que a autora Forghieri (2002) auxilia a apresentar suas etapas: Retornar as coisas a elas mesmas, *Epoché* e Redução.

Tendo estabelecido o olhar norteador dos estudos, o segundo tópico o qual se buscou revisar é o Ser, o sujeito a quem se direciona. Sobre essa proposta Reis (1992) pontua a dificuldade de atribuir uma delimitação para o conceito, mesmo após séculos de pensadores e escolas filosóficas. A autora Forghieri (2002) associa o conceito à Identidade, o entendendo como um conjunto de características que expressam o existir humano, existir esse que se dá no mundo. Neste ponto foi imprescindível trazer à discussão o pensamento de Heidegger, cuja ideia é expressa nas construções do Ser-aí (Dasein) e sua forma cotidiana "Ser-no-Mundo"; para o autor não se pode fixar o Ser em um sentido desvelador.

Em seguida, a revisão se debruça sobre o que é o tempo e a temporalidade, pergunta bastante capciosa e com um longo percurso na ciência. Diz o físico Rovelli (2018), em concordância com o mitólogo Mircea Eliade (2006) que, investigar ritos ancestrais explica que o conhecimento sobre a origem é um desejo da humanidade, pois lhe confere certo poder sobre as coisas. Esse desejo de controle, segundo Forghieri (2002) e Borges-Duarte (2018), esconde em seu cerne uma consciência da finitude e um desejo de controle da morte, pois a existência humana é intrinsecamente temporal e acompanhada de emoções que conferem ao tempo propriedades elásticas. O tempo experienciado na vida é, segundo as autoras, diferente do tempo do relógio e a esse aspecto dá-se o nome temporalidade.

O quarto tópico apresenta algumas características para o "Pós-Moderno", denominação que Adelman (2009) esclarece não ser um consenso teórico, mas que é compreendido como uma expressão do mundo contemporâneo que Souza (2012) acrescenta

ter se originado como uma renúncia ao movimento modernista, mas que para alguns sociólogos trata-se apenas de uma continuidade marcada pelo aperfeiçoamento do modelo capitalista. Portela (2008), em paralelo com os demais, pontua que uma das principais características da pós-modernidade, além das questões estruturais, culturais, econômicas e políticas, é a presentificação suscitada pela tecnologia e pela globalização que tornam o tempo e o espaço infinitos para o sujeito, gerando angústia e fragmentação.

Por fim, o quinto tópico pode ser considerado um ponto de encontro entre os demais, em especial um encontro entre tempo e pós-modernidade, no qual se desdobra um aparente "adoecimento psíquico". Nele se observou uma longa descrição de adoecimentos que acometem a sociedade em uma linha crescente nunca vista antes e cuja maior particularidade é o teor psicológico. Mosé (2018) e Han (2017) apontam que o sujeito contemporâneo está adoecido por estar cansado de si, entediado de si, embora para Mosé (2018) o fenômeno esteja mais relacionado à aceleração do tempo e racionalismo, enquanto Han (2017) atribui especial atenção para o modelo tecnocrata de uma sociedade de produção e constante atividade, positivismo. Mattar (2020) por outro lado traz para a discussão a possibilidade de se tratar de um fenômeno epocal, usando de Heidegger para retomar a noção de tédio como uma tonalidade afetiva fundamental que está sempre presente, mas não tem sido verdadeiramente experimentado, pois há uma exigência de atividade constante que potencializa a ação "natural" do Ser de esquivar-se do tédio; ela salienta que é no demorar-se nessa experiência do instante que as possibilidades surgem.

A revisão de literatura realizada buscou trazer os conceitos centrais que atravessam a proposta de discussão deste trabalho, consciente de que não seria possível (provavelmente, nem bem-quisto) um esgotamento de material, já que cada tópico compõe um mundo, uma abertura repleta de possibilidades.

5.2 - Discussão

Segundo Adelman (2009), Souza (2012) e Portela (2008) o mundo contemporâneo, pós-moderno se expressa através de características que promovem um esfarelamento dos conceitos de tempo e espaço que previamente guiavam a sociedade. Com o advento da globalização e o aperfeiçoamento da estrutura capitalista tornou-se notável o fenômeno da aceleração que permite relações fragmentadas, um fluxo simultâneo de presença ausentada capaz de construir um cotidiano anestésico de sujeitos em busca de modelos idealizados. Consonante com essa descrição está o pensamento de Han (2017) e Mosé (2018) no que evidenciam uma configuração de mundo, o qual seus habitantes se encontram profundamente adoecidos pelo ritmo imparável da vida pós-moderna, inseridos em uma ditadura do tempo ocupado, produtivo, no qual ser livre é um disfarce que impulsiona à coerção do alto rendimento, engrenagem que gira o capital. E é dentro dessa sociedade, cujo imperativo é a felicidade e o consumo, que alguns sintomas vão sendo observados nos censos e na clínica, pois como lembra Kierkegaard (1849, apud PPG PSICOLOGIA UNICAP, 2021), é no âmbito da mais completa felicidade que habita o desespero.

Van Den Berg, em sua obra "O Paciente Psiquiátrico", defende que "está completamente fora de nossa capacidade descrever um mal estritamente subjetivo, um mal-estar que pertença somente ao sujeito e não ao mundo" (1994, p.46), ideia que dialoga diretamente com Mattar (2020) e seu esforço em olhar para o adoecimento contemporâneo como um fenômeno epocal, haja vista que a existência – ou o Ser-aí se falado em termos heideggerianos, se dá sempre no mundo, em um contexto de relações. Ela lembra que o Ser-aí não possui nada de natural, *Dasein* é apenas seus modos de ser, dessa forma seria mais cabível para a fenomenologia-existencial pensar em modos de ser adoecidos em sua temporalidade. Relação que também é explorada por Minkowski (1965 apud COSTA&MEDEIROS, 2009, p. 376) no que diz que existir significa viver o tempo.

Sobre esses modos de existir no tempo pós-moderno, Borges-Duarte (2018) explica haver dois sentimentos possíveis nessa experiência: sossego e desassossego, sendo o segundo mais presente hoje, e pensado em dois modos: O estressado (*stress*) que é tido como uma resposta adaptativa as contínuas solicitações do meio e que provoca uma série de sintomas físicos e psíquicos já bem conhecidos, podendo chegar ao extremo esgotamento o qual "Freudberger descreveu como *Burnout*" (p. 31). É o modo de ser característico do trabalho produtivo. O modo de ser estressado, ou seja, o stress é uma estrutura possível porque o Ser é Ser-no-mundo e em relação com os outros.

> Se pudesse alguém não ser constitutivamente no mundo, não se sentiria instado a agir, não padeceria de stress. [...] É pela sua relação com os outros no mundo que pode estar em stress. [...] O fenômeno do stress revela, então, um abrir-se do mundo como o horizonte em que o ser humano só tem sentido enquanto cumpre com precisão a função, que lhe é exigida, sendo potencialmente nocivo (para si mesmo e para outros, no mundo) não a cumprir. [BORGES-DUARTE, 2018 p. 34]

O segundo modo de vivenciar o desassossego é o Tédio, que segundo a autora é o mais complexo por se parecer o oposto do stress, mas que, paralelamente, divide com ele duas características: uma peculiar relação com o tempo e a recorrência na contemporaneidade. Diferente do existir estressado que corre desenfreadamente, o tedioso sofre de estagnação, uma inércia na qual o projeto de mundo se esvazia e o Ser se depara consigo mesmo em um estado puro de vir-a-ser, sem sentido ou destino. Essa pausa, segundo Costa&Medeiros (2009), é sempre angustiante, pois, no que cessa a atividade provoca a sensação de um morrer próximo. Entretanto, o tédio possui variantes de menor intensidade, já que o tédio dito profundo, em sua autenticidade é raro de ser desperto na contemporaneidade (está-se sempre buscando tapá-lo com alguma distração, passatempo).

> Assim sendo, os êxtases temporais anulam-se, porque se inibe a esperança no novo a vir, e o vivido só se percebe como peso morto. O desassossego do futuro e do passado morrem num presente inerte, carente do palpitar do instante, que apenas se estende interminavelmente. [BORGES-DUARTE, 2018, p.39]

Por fim, o modo de ser sossegado é vivenciado como um presente vagaroso, no qual o deter do tempo não é sentido como um esvaziamento, mas como uma espera serena. “Heidegger menciona-o, sem nele se deter, com sua imagem latina: o *carpe diem*” (Borges-Duarte, 2018, p. 42), ou seja, um disfrutar vagaroso. Aproveitar. Sobre o modo de ser sossegado, a autora também pontua seu caráter de contraposição, já que enquanto experiência nunca é um fenômeno de partida, surgindo como resposta ao desassossego e por isso há em sua calma um teor de tensão, à espera de uma transição. Mattar (2020) sugere acolher esse momento de cisão, de parada, pois nele há a possibilidade de apropriação.

Isto posto, Van Den Berg (1994, p.46) diz “estar doente, quer de doença comum, quer de doença mortal, significa antes de mais nada, ver e sentir de modo diferente”, dessa forma “eliminar rapidamente o sofrimento psíquico é eliminar qualquer experiência que questione os limites aceitáveis do horizonte cotidiano de sentido” (SANTOS&SÁ, 2013, p.54).

Tal colocação faz questionar o que se chama na pós-modernidade de saúde e adoecimento. Trazendo as palavras para o campo dos fenômenos, Mattar (2020) diz que na atualidade a ideia de saúde é uma vida produtiva, dessa forma quaisquer interrupções ou baixa de energia que se ponha como obstáculo ao ritmo cotidiano de entregas é tido como um

adoecimento e deve ser rapidamente “concertado”. Na era da técnica há a popularização de termos da psiquiatria, uma “psicologização” que cria identidades psíquicas as quais o sujeito busca no google, se diagnostica e vai de encontro, não à análise ou ressignificação, mas à orientação para uma “cura” rápida. Assim vê-se surgir em espantosa quantidade práticas de *coaching* e literatura de “autoajuda”.

Segundo Santos e Sá (2013) as patologias mais comuns não são outra coisa senão expressões desses modos cotidianos de se relacionar consigo, com o outro e com o mundo:

> Atividade, ocupação, controle, produção e consumo são fenômenos que implicam um modo de temporalização da existência, o mesmo em que é possível surgirem alguns modos de sofrimento característicos da nossa atualidade como as compulsões, a hiperatividade, o stress, o tédio e as depressões. [SANTOS&SÁ, 2013, p. 57]

Para os autores, o que caracteriza um modo de ser como doente não é, especificamente, deparar-se com ele, mas o fato de estar nele limitado sem abrir-se para corresponder outros apelos de sentido. Dessa forma, a psicopatologia interessa à clínica fenomenológica no que retira do Dasein sua liberdade de poder-ser e o transforma em identidade rígida, incapaz de abrir-se ao mundo (SANTOS&SÁ, 2013).

Por fim, trazendo a discussão para a clínica fenomenológica, é imprescindível pensar sobre os modos de existir em relação com o horizonte histórico, pois as formas de cuidado que não se apropriam desse lugar acabam por integrar o mesmo modelo circular e restrito ao qual pertence a lógica que produz o sofrimento. Estar afinado para essa realidade é compreender que “sintomas aparecem e desaparecem de acordo com a mutável opinião histórica do psiquiatra” (VAN DEN BERG, 1994, p. 86) e as práticas psicoterápicas podem acolher a angústia suscitada por esses modos de ser; não devido sua capacidade técnica enquanto agente em lugar de saber, mas propiciando um espaço de escuta na suspensão do cientificismo e do senso-comum, haja vista que uma atitude fenomenológica não exige apenas teoria e técnica, mas o modo de existir próprio do terapeuta em contínuo cuidado e autoconhecimento.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por intento uma revisão acerca da temporalidade através da perspectiva fenomenológica, buscando compreender primeiramente do que se trata e como se dá no contexto pós-moderno para então tentar relacionar a experiência do tempo atual ao fenômeno do adoecimento psíquico que se têm observado no mundo, abrindo espaço para pensar o cuidado terapêutico nesse cenário.

No que diz respeito aos objetivos, eles estão em consonância com os estudos encontrados e trazidos para a discussão, tendo possibilitado um entendimento mais amplo do fenômeno temporal e, principalmente, um desvelar do estatuto do adoecimento, antes composto de classificações sedimentadas. Da mesma maneira, o conduzir do pensamento fenomenológico em Van Den Berg, Forghieri, Mattar e Santos&Sá se configurou como uma doce surpresa tanto em fluidez quanto em potência.

Tratando-se de material, não houve dificuldade em encontrar literatura que discorresse sobre tempo ou adoecimento, no entanto, foi desafiador dar molde a discussões tão profundas, haja vista a impossibilidade de findar o assunto e a sensação que se tem é de que algo sempre escapa por entre os dedos. E, pensando nisso, felizmente que se escapa, pois o tema, assim como a fenomenologia, está sempre em questão. Tal qual aquele livro que a cada revisita lhe apresenta algo novo, a temporalidade, os modos de ser e o adoecimento dão voz à sua época.

Pensar o adoecimento psíquico como fenômeno que se dá perpassado pelo horizonte histórico-cultural permite uma escuta mais acolhedora e sobretudo mais humana, no que busca abrir o Ser para suas possibilidades no mundo e nas relações. Aí se faz a relevância para a psicologia. Cabe dizer, ainda, que o contexto atual da pandemia possivelmente acentuou diversos modos de ser em desassossego e adoecimento. O *multitask*, o *home-office*, o *lockdown* são experiências que proporcionam stress, tédio, solidão, melancolia... inúmeras formas de existir no tempo que são relevantes de serem estudadas no futuro.

Finalizarei o presente trabalho com uma obra de Álvaro de Campos, um dos pseudônimos adotados por Fernando Pessoa que, contemporâneo de Heidegger poetiza o sossego e o desassossego *d*o e *no* tempo, esse tempo de frenesi que precisa ir mais devagar para vagar no divagar:

Não: devagar. [5]

Não: devagar.
Devagar, porque não sei
Onde quero ir.
Há entre mim e os meus passos
Uma divergência instintiva.
Há entre quem sou e estou
Uma diferença de verbo
Que corresponde à realidade.

Devagar. . .
Sim, devagar. . .
Quero pensar no que quer dizer
Este devagar. . .

Talvez o mundo exterior tenha pressa demais.
Talvez a alma vulgar queira chegar mais cedo.
TaIvez a impressão dos momentos seja muito próxima. . .

Talvez isso tudo. . .
Mas o que me preocupa é esta palavra devagar. . .
O que é que tem que ser devagar?
Se calhar é o universo. . .
A verdade manda Deus que se diga.
Mas ouviu alguém isso a Deus?
[CAMPOS, 1944].

5. Poema "Não: devagar" escrito por Álvaro de Campos e disponível no acervo digital Arquivo Pessoa. Ref. de: Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). – P.71.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 184–217, jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000100009> Acesso em: 7 nov. 2021

BELLO, A. A.; **Introdução à Fenomenologia.** Tradução: Jacinta Turolo Garcia; Tradução: Miguel Mahfound. Bauru: Edusc, 2006. Disponível em: < https://geisamoterani.files.wordpress.com/2014/05/introduc3a7c3a3o_a_fenomenologia_angela_ales_bello-31.pdf> Acesso em: 1 nov. 2021

BORGES-DUARTE, I. Sossego e Desassossego: o paradoxo do tempo vivido. **Phainomenon**, v. 28, p. 29–48, 2018. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/26158/1/Sossego-desassossego%20%28Phainomenon%2c%202018%29.pdf> Acesso em: 6 nov. 2021

BORGES-DUARTE, I. **O Pai devorador de seus filhos. Do mito de Saturno à interpretação fenomenológica e analítica do tempo**. E o pai? Uma abordagem winnicottiana. **Anais**... In: XVII COLÓQUIO WINNICOTT INTERNATIONAL. São Paulo: DWWe Editorial, 2014 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/12947>. Acesso em: 6 nov. 2021

CAMPOS, A.; ARQUIVO PESSOA | Obra Édita - **Não: devagar**. -. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/281>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CASANOVA, M. A. **Tédio e Tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

CASSONI, Cynthia. **Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. doi:10.11606/D.59.2013.tde-14122013-105111. Acesso em: 19 nov. 2021

ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. 8°. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 56–64. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2020/04/eliade-mircea-mito-e-realidade-1.pdf> Acesso em: 6 nov. 2021

ERIKA. **Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS**. SBCM. Disponível em: <https://www.sbcm.org.br/v2/index.php?catid=0&id=1317>. Acesso em: 16 nov. 2021.

FORGHIERIY. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

HAN, B.-C. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, M. **Identidade e diferença**. Tradução: Ernildo Stein. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo: Parte I**. Editora Vozes, 15 ed. 2005. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/heidegger-martin-ser-e-tempo-parte-i.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

MATTAR, C. M. **Depressão: doença ou fenômeno epocal?** 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro De Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: < https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf> Acesso em: 6 nov. 2021

MORAES, A. L. **Consumo de antidepressivos cresce 74% em seis anos no Brasil**. Veja Saúde, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/consumo-de-antidepressivos-cresce-74-em-seis-anos-no-brasil/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MOSÉ, V. **Nietzsche Hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. 1°. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde. **Depressão**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em: 16 nov. 2021

OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde. **Saúde mental dos adolescentes**, 2016. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 16 nov. 2021

PORTELA, M. A. A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 1, p. 131–140, mar. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100013> Acesso em: 7 nov. 2021

PPG PSICOLOGIA UNICAP. **#SeminárioLaclifep2021 (Manhã) - Minicurso Depressão, Tédio e Técnica.** YouTube, 7 maio 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=itNzRZdiFzc&list=LL&index=1&t=9962s> e <https://www.youtube.com/watch?v=GktJXW3MYlg&t=12s>. Acesso em: 16 nov. 2021

REIS, J. A. E. Sobre o Conceito de Ser. **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 1, p. 97–125, 1992. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/dfci/public_/publicacoes/sobre_o_conceito_do_ser> Acesso em: 1 nov. 2021

REIS, J. O Tempo em Heidegger. **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 28, p. 369–414, 2005. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/o_tempo_em_heiddegger> Acesso em: 06 nov. 2021

ROVELLI, C. **A Ordem do Tempo**. Tradução: Silvana Cobucci. 1°. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SANTOS, D. G.; SÁ, R. N. A existência como "cuidado": elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 19, n. 1, p. 53-59, jul. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SINDJUSTIÇA. **Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS.** Disponível em: <https://sindjustica.com/2020/05/27/brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SOUZA, E. M. DE. Pós-modernidade nos estudos organizacionais: equívocos, antagonismos e dilemas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 2, p. 270–283, jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000200003> Acesso em: 7 nov. 2021

VAN DEN BERG, J. H. **O Paciente Psiquiátrico: esboço de psicopatologia fenomenológica**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1994. Disponível em: < https://gmeaps.files.wordpress.com/2017/09/van-den-berg_o-paciente-psiquiatrico.pdf> Acesso em: 6 nov. 2021

WINERMAN, L. **By the numbers: Antidepressant use on the rise**. Disponível em: <https://www.apa.org/monitor/2017/11/numbers>. Acesso em: 16 nov. 2021.

7.1 - Referências de Ilustrações

CORREIA, S. **homem jogando pedras no lago calmo de suas certezas, só para ver**. | Figura 1 | Twitter @susanocorreia. Disponível em: < https://twitter.com/susanocorreia/status/1428825695917121546/photo/1> Acesso em: 19 nov. 2021

CORREIA, S. **caindo em desespero, na procura do eu** | Figura 2 | Twitter @susanocorreia. Disponível em: < https://twitter.com/susanocorreia/status/1288592541223452676 > Acesso em: 19 nov. 2021

CORREIA, S. **o tempo é aquilo que me escorre por inteiro** | Figura 3 | Twitter @susanocorreia. Disponível em: < https://twitter.com/susanocorreia/status/1420125382712377351> Acesso em: 19 nov. 2021

CORREIA, S. **homem dando um tempo de si** | Figura 4 | Twitter @susanocorreia. Disponível em: < https://twitter.com/susanocorreia/status/1298732671921803267> Acesso em: 19 nov. 2021